



A biblioteca viva

Era uma vez, na Roma antiga, um homem muito rico, que gostava de exhibir a sua riqueza em festas fabulosas.

Mas havia um inconveniente.

Como o rico não tivesse pouca instrução, com dificuldade acompanhava as conversas dos seus convidados, que apreciavam falar de literatura e de outros assuntos desenvolvidos em livros que ele desconhecia.

Apercebendo-se disso, ordenou ao governante do seu palácio que escolhesse uns tantos escravos inteligentes e de boa memória. Para quê? Para obrigar cada um deles a decorar um livro. Queria assim provar que os livros eram dispensáveis, desde que se dispusesse de escravos capazes de os saber de cor e salteado.

A aprendizagem dos escravos demorou, mas, ao fim de algum tempo, este homem muito rico podia orgulhar-se de possuir a única biblioteca viva de todo o Império romano.

Sempre que queria mostrar que não ficava atrás dos seus convidados mais cultos, o homem muito rico batia palmas e chamava, pelo nome da obra, o escravo que a tinha decorado. Tanto podia ser a *Iliada*, como a *Odisseia* ou a *Eneida*. O escravo recitava-a, fosse do princípio, fosse do meio, fosse do fim para o princípio.

De uma vez, estava o homem muito rico à conversa com alguns poetas e escritores, e quis embasbacá-los.

— Conheço uma passagem da “*Iliada*” que vem a propósito do que estávamos a conversar — disse ele, enquanto batia palmas — Chamem o “*Iliada*”.

Mas o escravo que sabia a “*Iliada*” não apareceu.

— O que se passa? — perguntou o homem muito rico, estranhando a demora.

O governante do palácio, aflito, ajoelhou-se aos pés do seu exigente patrão e balbuciou:

— Perdoai-me, senhor, mas o “I líada” está com dores de barriga.

Parece que foi a partir deste incidente que o homem muito rico se resolveu a ganhar instrução pelos seus próprios meios.

António Torrado
www.historiadodia.pt